



DA LITERATURA MADEIRENSE COMO SISTEMA LITERÁRIO

Enquadramento conceptual e histórico dos Colóquios *LITERATURA MADEIRENSE*

Ana Salgueiro

(DRABL, Comissão Organizadora do I Colóquio *LITERATURA MADEIRENSE*)

O projeto (interrompido) de uma antologia de poetas da ilha da Madeira em 1918

A 18.08.1918, num tempo em que o regionalismo literário, em alinhamento com o movimento autonomista insular, se afirmava na Madeira (ainda numa linha neorromântica e historicista, como foi o caso de João dos Reis Gomes, mas que, a partir dos anos 1940, derivaria para um enfoque mais etnográfico e sociológico, em escritores como Horácio Bento de Gouveia e João França), o *Diário da Madeira* (DM), com o título “LITERATURA MADEIRENSE” (em letras garrafais e com destaque central na primeira página), anunciava a edição de um novo “livro em preparo: Antologia de Poetas da Ilha da Madeira”, apresentada como “o primeiro [livro] dêste genero que se publica[ra, até então] ácêrca da literatura madeirense” (CABRAL, 1918a: 1).

A afirmação (assaz polémica) era proferida pelo autor do artigo, que, na verdade, era também o organizador e o prefaciador da coletânea: João Cabral (do Nascimento), então com 21 anos e estudante de Direito na Universidade de Lisboa, cidade onde, com outros jovens intelectuais da Madeira (sobretudo ligados à escrita e às artes plásticas), nos anos 1910/1920, participou ativamente nos debates estéticos e literários protagonizados pel’Os Novos que, apesar da heterogeneidade de propostas que apresentavam, procuraram agitar o sistema cultural português, na capital e em outras cidades portuguesas (Coimbra, Faro, Funchal, Porto, Tavira, etc.), reivindicando e contribuindo para a sua modernização (SALGUEIRO, 2022).

O projeto antológico de 1918 (que, afinal, acabou por nunca sair do prelo, sobrevivendo dele, apenas, cinco fragmentos ensaísticos publicados no DM em agosto desse ano) previa a compilação de “dados bio-bibliográficos” de poetas madeirenses e “um ou mais especimens do estro de cada um deles”, precedidos de um “ligeiro apanhado de rimances populares” insulares: textos de poetas “antigos e modernos” nascidos no arquipélago, numa seleção orientada pelo

critério, “quanto possível, artístico” e “não olhando á popularidade das composições nem á indicação de críticos anteriores” (CABRAL, 1918a: 1). Ou seja, sem ignorar textos que, ao longo dos séculos, circularam no arquipélago em folhetos de cordel (frequentemente lidos também por crianças, como João Cabral assinalava), ou a poesia popular que, desde o início do povoamento, fora *produzida* oralmente no arquipélago e que o século XIX começara a recolher e a editar em livro (CORREIA, 1994), a antologia “em preparo” (apresentada como “primeira edição”, embora nascendo como trabalho a retomar em futuras edições revistas, “com a inserção de quaisquer notas ou pormenores” entretanto descobertos ou publicados), retrocedia “ao ciclo palaciano” e ao “Cancioneiro de Rezende”, passando por, entre outros, os versos do “vicentino Baltazar Dias”, os “colaboradores para a «Fenis Renascida»”, os cultores da narrativa épica insular, os “admiradores de Bocage” (CABRAL, 1918a: 1). Pretendia igualmente integrar textos mais recentes, quer dos escritores e escritoras do século XIX que tinham publicado “acidental[mente]” em almanaques, periódicos locais ou nos primeiros livros impressos na Madeira; quer poemas do *fin de siècle* e das primeiras décadas do século XX, assinados por autores contemporâneos do “Simbolismo” e do “Futurismo”, da “novíssima geração”, sem esquecer as “poetisas” (CABRAL, 1918a: 1).

Em nota final aos leitores, esclarecia-se que o artigo agora publicado (e em dias posteriores acompanhado por outros, onde, precisamente, João Cabral refletiu sobre a poesia madeirense sua contemporânea) era, na verdade, uma versão do prefácio da antologia anunciada, “ligeiramente alterado e reduzido”, dado que no livro, “o estudo” seria “mais demorado e documentado” (CABRAL, 1918a: 1).

Portanto, tratava-se de uma coletânea que, como refere Urbano Bettencourt no texto de encerramento de um dos mais recentes e ambiciosos projetos antológicos dedicados à divulgação e à promoção do estudo de poesia madeirense (*Cadernos de Santiago*, vol. I de 2016 e vol. II de 2021, cuja orgânica, curiosamente, podemos aproximar daquela que João Cabral projetara para a sua antologia em 1918, juntando aos textos poéticos coligidos, algumas leituras críticas e de enquadramento dos mesmos, agora assinados por diversos críticos e investigadores especializados), visava aquele que parece ser o principal motivo que leva à organização de uma antologia:

a congregação e *reunião pública* simultânea de autores que, de outro modo e isoladamente, mesmo o leitor mais interessado e atento teria dificuldade em congregar; quer se fique por uma simples informação de natureza geral, quer pretenda aceder a um mais específico conhecimento literário, o leitor tem numa antologia o meio concentrado e expedito para uma visão de conjunto [...] (independentemente de sabermos que as organizações antológicas estão sempre sujeitas a uma selecção e exclusões que podem tornar precária uma tentativa de leitura abrangente e “completa” dos factos) (BETTENCOURT, 2016: 427-429).

É certo, como já demonstraram, entre outros, Luís Marino (1959), Maria Mónica Teixeira (2005) ou Thierry Proença dos Santos (2008, 2019), que, desde o século XIX, o Funchal divulgava na imprensa periódica local e apresentava nos escaparates ora de bibliotecas (a Biblioteca Municipal do Funchal fora fundada em 1838; e na década de 1910, surge a Biblioteca *Utile Dulci*, com enorme alcance junto dos leitores locais, fundada pelos padres da Congregação da Missão, a qual, segundo Bruno Costa, em 1926 emprestava uma "enorme variedade de livros portugueses, francezes e ingleses de actualidade" e "em 1937 era composta por 19000 exemplares", emprestando "anualmente 3600 livros" - COSTA, 2024, pp. 972 e 913), ora nos espaços de comércio livreiro (destacando-se, entre estes, a primeira livraria insular, fundada em 1886 - a *Livraria e Tipografia Esperança*, ainda hoje sobrevivente), monografias e antologias impressas localmente, que davam a ler textos literários de autores e autoras madeirenses, como tal reconhecidos pela comunidade leitora sua conterrânea. Não devemos ignorar, porém, que o alcance destes livros, numa primeira fase, seria certamente muito restrito, tendo em conta os elevados índices de analfabetismo e se não esquecermos que, no século XIX e no início do século XX, o acesso a uma cultura literária, com hábitos de leitura e com disponibilidade e interesse quer para a criação literária, quer para a reflexão crítica, apenas estaria ao alcance de uma franja muito reduzida da sociedade: a elite letrada (sobretudo clerical e burguesa), que no quadro da nova sociedade liberal dispunha de poder económico para comprar livros e assumia a prática literária (escrita e leitura) como uma necessidade humana e/ou uma forma de afirmação social. Entre as coletâneas oitocentistas editadas no Funchal (que João Cabral não ignora no seu artigo-prefácio, sublinhando a necessidade de as estudar, mais pelo seu valor histórico do que pela qualidade literária - esta, para si, questionável, dada a preponderância ultrarromântica aí encontrada), lembremos, por exemplo: *Flores da Madeira, Poesias de Diversos Autores Madeirenses*, organizada por José Leite Monteiro e Alfredo César Oliveira (1971-1972); *Romanceiro do Archipélago da Madeira*, coligida por Álvaro Rodrigues de Azevedo (1880); ou *Álbum Madeirense. Poesias de Diversos Autores Madeirenses*, reunida por Francisco Vieira (1884). Antologias a que podemos acrescentar, já no início do século XX, as várias edições do *Almanach de lembranças madeirense* (inspirado no então já célebre *Almanach de lembranças luso-brasileiro*, com larga circulação entre Portugal e o Brasil, sem esquecer os espaços portugueses ultramarinos) que, sob direção de Jaime Câmara e António Feliciano Rodrigues, ainda que em formato de almanaque, reuniam nas suas páginas "varias gravuras [...] uma desenvolvida secção litteraria, além de copiosas informações referentes á Madeira" (RODRIGUES e CAMARA, 1907: folha de rosto).

Por outro lado, se, como já referia João Cabral em 1918, como demonstraram os dois primeiros volumes da *Antologia Literária Madeira* organizados por Ângela Borges, Isabel Stephan e Rui Carita (1986-1987) e como, mais recentemente, salientou Luísa Marinho Antunes (2014), a existência de textos literários assinados por autores madeirenses (também

reconhecidos como tal, quer a nível nacional, quer no estrangeiro) remonta, pelos menos, ao período anterior à edição do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende em 1516, também não é menos verdade que só a partir de 1821, com a chegada do prelo ao Funchal e com a impressão local dos primeiros jornais, boletins e livros, se reuniram condições para o florescimento não só da produção literária na ilha, mas também da sua divulgação, receção e crítica. Dinâmicas culturais fundamentais para a emergência de um sistema literário autónomo e para as quais concorreram com especial relevância, como notaram Fernando Figueiredo (2008) e Thierry Proença dos Santos (2008 e 2019), os jornais locais.

Estes (à semelhança do que foi comum na imprensa periódica portuguesa generalista, até às últimas décadas do século XX), em paralelo com o noticiário, a reportagem e a crónica das vivências quotidianas das comunidades insulares, publicavam regularmente textos literários de diversos géneros (de autores e autoras madeirenses, mas também nacionais), assim como apontamentos noticiosos e críticos sobre a vida literária e cultural na Madeira e no mundo, reservando ainda espaço para a inclusão de traduções portuguesas de textos de autores estrangeiros (nem sempre os mais atuais e de qualidade mais evidente), geralmente oferecidas aos leitores em folhetins.

Portanto, a novidade do projeto *Antologia de Poetas da Ilha da Madeira* (de acordo com o que dele hoje se conhece a partir dos cinco textos publicados no DM) não radicava na tipologia bibliográfica (antologia de poesia), nem no objeto literário aí privilegiado (poesia de autores nascidos na Madeira), mas antes no modo sistémico e abrangente como pensava, numa visão de conjunto, a poesia insular e, por extensão, como queria dar a conhecer a literatura madeirense.

A seleção de repertório alargava-se no tempo (desde a fase inicial do povoamento do arquipélago até ao presente), nos géneros literários (percorrendo os líricos, os épico-narrativos, os dramáticos e provavelmente os satíricos), na variedade de perspetivas (a erudita e a popular ou popularizante), nas orientações estéticas e nas seleções temáticas (desde o trovadorismo quinhentista aos modernismos da “novíssima geração”), afirmando, assim, a existência de um vasto, ancestral e muito heterogéneo repertório literário classificável como madeirense, mas nem todo dotado da mesma qualidade literária e/ou de idêntica relevância cultural. Uma tradição ainda não devidamente conhecida (e, por isso, a revelar/descobrir em projetos como o livro em preparação), a qual, de resto, se considerava ser também integradora de poetas que não tinham “nascido no sólo” insular, como fossem alguns “trovadores do ciclo madeirense” ou “Manoel Tomaz da «Insulana»” - poetas citados pelo organizador no artigo-prefácio, mas não incluídos na seleção textual da antologia, por escaparem ao critério biográfico adotado na seleção textual. Portanto, uma tradição que, no passado e no presente, fora sendo construída em articulação, diálogo, colaboração, mas também em confronto e divergência com o sistema literário nacional e até com alguns estrangeiros (CABRAL, 1918a: 1).

Por outro lado, mais do que reduzir a literatura madeirense a uma lista de nomes autorais, a um repertório textual recebido de forma unanimista e acrítica, ou até a um inventário temático exclusivamente circunscrito aos limites do arquipélago, João Cabral, na verdade, concebia-a como um (polis)sistema, onde, porém, encontrava muitas fragilidades: a escassez de livros publicados e acessíveis ao leitor insular, pensando, certamente, nas limitações dos setores editoriais e livreiros locais, assim como no perfil dos seus leitores e das instituições promotoras do livro e da leitura (bibliotecas, escolas, ...), numa sociedade onde o analfabetismo teimava em persistir e o livro era considerado um objeto de *luxo*, apesar das reformas liberais e republicanas entretanto implementadas no sistema educativo português; a tibieza de alguma crítica, nem sempre movida de forma criteriosa e atualizada, o que, no diminuto meio insular, não raras vezes conduzia à legitimação de textos com qualidade literária questionável e à coartação de experiências mais inovadoras; a falta de conhecimento e de estudo rigoroso desse vasto repertório literário, sempre sujeito a dinâmicas de hierarquização e visibilidade não alheias nem à subjetividade dos leitores, nem à historicidade dos valores (artísticos, culturais, político-ideológicos, comerciais) dominantes ou conflituantes na sociedade insular.

Curiosamente, as fragilidades apontadas por João Cabral em 1918 podem ser reencontradas em alguns textos posteriores, assinados por outros autores que ao longo dos séculos XX e XXI, como veremos adiante, pensaram criticamente o sistema literário madeirense. Pela polémica que então suscitou, importa destacar, a este respeito, o inquérito que há 20 anos (2004/2005) foi desenvolvido por Jesus Maria Sousa e Carlos Nogueira Fino, interrogando agentes culturais insulares sobre a existência (ou não) de uma literatura madeirense e sobre a oportunidade (ou não) de inscrever (e como?) o estudo do seu repertório (e qual?) no currículo escolar da região. Apesar da controvérsia a que deu azo (alimentada não apenas por fatores de ordem estético-literária, mas também por critérios políticos, demonstrando, uma vez mais, não ser o literário um campo alheio nem à vida social, nem a questões de ordem ideológica ou até económica), as perguntas e as respostas que nele se reuniram continuam a merecer a nossa atenção hoje, no final do primeiro quartel do século XXI, tendo já estado, aliás, na génese do projeto transdisciplinar e intersemiótico iniciado na Universidade da Madeira, mas entretanto suspenso: o projeto *Madeira, séc. XX: literatura e cultura*, apresentado por Ana Margarida Falcão e Ana Isabel Moniz, também em 2005, no VIII Congresso Internacional da Associação Internacional de Lusitanistas (MONIZ e FALCÃO, 2008). Não por acaso, esse inquérito e este projeto surgiram num período em que vários docentes da Universidade da Madeira (fundada em 1988) se vinham ocupando do estudo de obras e problemáticas relativas ao sistema literário insular, colaborando regularmente nos *Colóquios Internacionais do Funchal* promovidos pela CMF sob coordenação de Maria Aurora (1997-2006), os quais, em conjunto com outras iniciativas coevas, constituíram um forte impulso para a promoção do estudo (científico) e para a divulgação (regional, nacional e internacional) da literatura madeirense.

Voltando ainda ao projeto *Antologia de Poetas da Ilha da Madeira* de 1918, este, de facto, pode ser lido, desde o seu prefácio (ou melhor, do artigo-prefácio que até hoje sobreviveu), como um exercício que (num tempo em que se preparavam as comemorações dos 500 anos da Madeira e em que as reivindicações autonomistas e o regionalismo literário ganhavam preponderância) convidava a pensar essa literatura como um sistema, num contexto que João Cabral considerava ser uma “época de grande intensificação literária, dum enorme movimento editorial”, sobretudo nas áreas da poesia e da prosa. Isto, não só em termos nacionais, mas também a nível internacional, destacando, neste último caso, “Dostoiévski e Gogol na Rússia, Pereda e Vale Inclan na Espanha; e nas duas Americas, os já mortos Pöe e Ruben Dario - o primeiro, como uma constelação negra, arrepiante e bizarra, na do Norte; o segundo, na do Sul, espanhol argentino, o maior dos poetas contemporaneos estrangeiros” (CABRAL, 1918a: 1). Portanto, escritores internacionais *modernos*, que João Cabral tinha o cuidado de esclarecer (talvez não sem alguma ironia provocadora) “nada te[rem] a vêr com a resenha bio-bibliografica dos poetas da nossa terra” que em 1918 tinha em mãos, mas que significativamente evocava no artigo-prefácio e a quem aí quis “render homenagem” (CABRAL, 1918a: 1).

Por motivos ainda desconhecidos, a *Antologia de poetas da ilha da Madeira* anunciada em agosto desse ano acabou por não ser publicada. O que não invalidou que outros autores, grupos de intelectuais e artistas, projetos editoriais e de formação, instituições, empresas, etc. tenham, desde então, procurado (re)pensar o sistema literário madeirense, umas vezes enveredando na esteira que João Cabral propôs, outras vezes seguindo orientações diferentes ou até contrárias.

Deambulações pelo sistema literário madeirense ao longo dos séculos XX e XXI. Uma retrospectiva possível

A título meramente ilustrativo e sem a pretensão de fazermos aqui um levantamento exaustivo, lembramos, de seguida, alguns momentos/acontecimentos da história da cultura madeirense em que agentes literários, através da publicação de livros monográficos, antologias e periódicos (generalistas ou especializados), exposições e performances, tertúlias e encontros científicos, afirmaram, (re)pensaram (de forma mais ou menos sistémica) e/ou recriaram a literatura na e da Madeira, i. e., o seu sistema literário. Um histórico talvez ainda pouco conhecido, em que os *Colóquios LITERATURA MADEIRENSE* agora se inscrevem e ao qual querem dar visibilidade.

Ainda nos anos 1910-1920, como afirmámos anteriormente, alcançaram especial protagonismo os regionalistas do grupo do Cenáculo, tertúlia funchalense que se terá formado por volta de 1915 e em que o debate político autonomista e o regionalismo literário, artístico e cultural tomaram forte expressão. Liderado pelo já referido João dos Reis Gomes e constituído

por figuras que desempenhavam papéis de destaque na sociedade madeirense de então (nomeadamente no jornalismo e em particular no *Diário da Madeira* e no *Diário de Notícias*, onde a literatura sempre tinha lugar), coube também a este grupo organizar as comemorações do V Centenário da Madeira entre 1921-1923, cuja programação acolheu, entre outras iniciativas, a edição de livros (p. ex., a 1.^a ed. do *Elucidário Madeirense*, onde surgem alguns verbetes relativos a textos e a autores literários do arquipélago) e a performance (acompanhada pelo seu registo fotográfico e cinematográfico) do drama histórico regional *Guiomar Teixeira*, criado por João dos Reis Gomes em 1913, numa adaptação para texto dramático da sua anterior “novella madeirense” *A filha de Tristão das Damas* (GÓIS, 2015; SALGUEIRO, 2021; FIGUEIRA, 2022).

Em março de 1931, era lançado o n.º 1 da revista *Arquivo Histórico da Madeira* (AHM), que logo depois passaria a ser o órgão de divulgação do Arquivo Distrital do Funchal (ADF), oficialmente instituído a 30 de julho do mesmo ano. Fundada e dirigida por João Cabral do Nascimento (o mesmo que, em 1918, projetara a *Antologia de poetas da ilha da Madeira*, mas agora em parceria com Álvaro Manso de Sousa, conservador do ADF e autor literário, que na transição entre os decénios de 1910 e 1920, com Nascimento, Ernesto Gonçalves, Luiz Vieira de Castro e Alfredo de Freitas Branco, integrou o grupo dos jovens escritores modernistas do Funchal), esta revista, vocacionada para a divulgação documental do património histórico do arquipélago, sem descurar assuntos “arqueológicos”, “artísticos e científicos” (SALGUEIRO, 2023: 29-31), igualmente concedeu atenção ao património literário madeirense. Entre 1931 e 1951 (ano em que são lançados os últimos fascículos sob direção de Cabral do Nascimento), a AHM publicou transcrições textuais, notícias e anotações críticas ora respeitantes a autores insulares mais ou menos esquecidos (Tristão Vaz Teixeira, Francisco de Vasconcelos, Manuel Tomaz, Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, Francisco Álvares de Nóbrega, o poeta romântico e tradutor João Nepomuceno de Oliveira, etc.), ora referentes a autores nacionais e estrangeiros com ligações ao arquipélago (p. ex. John dos Passos) ou que, de visita à Madeira, escreveram sobre ela. Neste último caso, assumia-se o propósito de complementar a edição de *Lugares selectos de autores portugueses que escreveram sobre o arquipélago da Madeira*, coletânea publicada em Lisboa por Cabral do Nascimento, em 1949 (NASCIMENTO, 1951: 76), inaugurando uma tradição de antologias literárias de textos de autores não madeirenses sobre a Madeira, que tem sido continuada por outros organizadores como Maria Mendonça (1954b), António Aragão (1981), António Marques da Silva (2008) ou Rui Nepomuceno (2008). Quanto aos textos do diretor da AHM publicados na revista e que se ocuparam de autores madeirenses e suas obras, alguns viriam a ser revistos e incluídos, ainda em 1949, na coletânea *Poemas Narrativos Portugueses*, portanto, desta vez, enquadrados no âmbito mais vasto do sistema literário nacional.

Em junho de 1950, o Funchal acolhia uma nova revista: *Das artes e da história da Madeira*, dirigida por Luiz Peter Clode e editada pela Sociedade de Concertos da Madeira. Esta

havia sido fundada em 1943, com o propósito de estimular o gosto pela música erudita, assegurando uma programação regular de concertos na ilha. Contudo, interveio em muitas outras áreas culturais, nomeadamente na literária e na literária-performativa, nomeadamente, através dos espetáculos de recitação de poesia por si organizados e das emissões da sua estação de rádio - o Posto Emissor do Funchal, fundado em 1948 e instalado no teatro municipal -, cuja programação muitas vezes incluiu a leitura radiofónica de textos literários de vários géneros. O texto de abertura do n.º 1 da revista esclarecia que *Das artes e da história da Madeira* era a "continuação do Suplemento semanal de «O Jornal» que se publicou nos anos de 1948-1949 [sob responsabilidade de membros da Academia] e que, por motivo de força maior [...] teve que se suspender". Neste sentido, *Das artes e da história da Madeira* assumia como missão "arquivar, com absoluta independência, todas as manifestações de arte e os factos e documentos do passado", com vista "a projectar no futuro a nossa existência actual, evocando o que há de mais característico na nossa Ilha, tanto sob o ponto de vista artístico como sob o aspecto histórico" (CLODE, 1950: 1). Não surpreende, portanto, que, nas suas páginas (como também acontecia no AHM), encontremos a transcrição de textos identificados como referências do património literário da Madeira, textos de enquadramento histórico-biográfico e de análise crítica sobre a obra de autores madeirenses do passado ainda pouco conhecidos localmente (p. ex. João de Freitas Branco, tio quer dos conceituados músicos Luiz de Freitas Branco e Pedro de Freitas Branco, quer do escritor Alfredo de Freitas Branco, com uma obra que se desdobrou em criação de textos dramáticos, tradução para português de dramaturgos europeus como Ibsen e crítica literária, teatral e musical publicada em Lisboa, mas também em Berlim e Viena), ou de outros autores considerados canonizáveis (Gaspar Frutuoso, João dos Reis Gomes, Fernando Augusto da Silva, etc.). Simultaneamente, autores que nas décadas anteriores tinham alcançado prestígio no arquipélago (Alberto Figueira Gomes, Álvaro Manso de Sousa, Ernesto Gonçalves, Horácio Bento de Gouveia, João Cabral do Nascimento, ...) encontraram em *Das artes e da história da Madeira* espaço para a publicação regular de crónicas, narrativas breves, memórias e ensaios.

Nesta mesma década e estendendo-se até à de 1970, devemos notar o dinamismo literário e cultural promovido em torno do jornal regionalista *Eco do Funchal*, que nos anos 1940 já colaborara com o *Ateneu Comercial do Funchal*, na realização dos primeiros jogos florais insulares, claramente inspirados nos que, pela mesma altura, eram realizados nacionalmente pela Emissora Nacional em articulação com o Secretariado de Propaganda Nacional (QUINTAL, 2021). A partir de 1951, com a enérgica ação da jornalista açoriana Maria Mendonça, o *Eco do Funchal* passou a ser propriedade da *Editorial Eco do Funchal*, então fundada como casa editora. Assumindo uma clara orientação atlantista insular, num movimento que retomava uma prática já ensaiada nos anos 1920 e que procurava a valorização cultural dos arquipélagos da Madeira, dos Açores e de Canárias (sem esquecer as suas diásporas) e o estreitamento das relações culturais, políticas e económicas entre essas ilhas atlânticas, a editora funchalense (sobretudo

através de Maria Mendonça) teve uma ação fundamental na promoção regional e nacional do livro e da literatura madeirenses (e açorianos). Se em 1951 e em 1953, respetivamente, tinha apoiado (nas páginas do jornal e financeiramente) o intercâmbio da I Semana do Livro Açoriano no Funchal e, depois, a Semana do Livro Madeirense em São Miguel (iniciativas organizadas pelo escritor madeirense Rogério Correia, galardoado, em 1951, com o 1.º prémio nos Jogos Florais do *Clube Asas do Atlântico*, em Santa Maria, nos Açores), a partir de 1954, caberá também a Maria Mendonça e à *Editorial Eco do Funchal* a organização do *Stand Insular*, com que se inauguraram as primeiras participações das Ilhas Adjacentes (Madeira e Açores) na Feira do Livro de Lisboa, então promovida pelo Grémio Nacional dos Editores e Livreiros (MENDONÇA, 1954). Uma corporação criada por uma mal disfarçada imposição do Estado Novo corporativista, cujos membros, em muitos casos, não alinharam com as políticas do livro seguidas pelo regime, mas que, desde 1940, era presidida por António Maria Pereira, um declarado apoiante de Salazar (MEDEIROS, 2008), como, de resto, também foi, em certa medida, o *Eco do Funchal*.

Para além destas iniciativas (com impacto ainda por estudar) orientadas para a promoção e para a tentativa de *nacionalização* do livro e da literatura madeirenses (iniciativas a que devemos juntar, em 1972, a fundação, por Maria Mendonça com José António Rodrigues Pimenta, da *Pátio, Livros e Artes, Lda.*, livraria-galeria, tabacaria e casa de chá, que ao longo da década de 1970 constitui um verdadeiro polo de dinamização cultural, literária e de estímulo ao pensamento crítico na cidade, aberto ao diálogo com o exterior da ilha, e cuja sede, situada no edifício do antigo atelier da Photographia Vicente's, retomava o projeto de café literário “Réz-do-chão: Tertúlia do Livro – Pátio das Artes” que, segundo Thierry Proença dos Santos, entre 1967-1968, fora tentado pelo professor e escritor Carlos Lélis, em colaboração com o escultor Anjos Teixeira e o fotógrafo João Pestana) (SANTOS, 2019: 789-790), o jornal *Eco do Funchal* destacou-se, desde os anos 1950, na projeção local quer de literatura de autoria feminina, com a criação de secções destinadas à publicação exclusiva de textos de escritoras (madeirenses e não só) ou sobre mulheres; quer de literatura destinada a leitores infantojuvenis, género que, segundo Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos, ganhara algum espaço no sistema cultural madeirense desde o final do século XIX (COELHO e SANTOS, 2011). Dando continuidade à atenção que, nas suas páginas, vinha sendo conferida à literatura dirigida para crianças e jovens, o *Eco do Funchal*, entre 1969-1970, reforçaria essa aposta, ao criar o suplemento infantojuvenil *A Canoa* (que, em outubro de 1970, se transformaria em semanário independente do *Eco do Funchal*), coordenado por Maria do Carmo Rodrigues e onde, para além desta última, publicaram autores continentais com mérito firmado na área da literatura de receção infantojuvenil (com destaque para Matilde Rosa Araújo), e outras madeirenses, hoje reconhecidas regionalmente no mesmo campo literário (p. ex., Luiza Helena [Clode] ou Irene Lucília Andrade)

Por outro lado, a *Editorial Eco do Funchal* foi, nesse mesmo período, um dispositivo fundamental para a dinamização do debate acerca da *modernização* do sistema literário madeirense, reivindicada por uma nova geração de autores que viram os seus primeiros livros publicados com a chancela da editora, apesar de esta, pela mesma época, ser também responsável pela edição de outros autores já localmente consagrados, como Baptista Santos, Alberto Figueira Jardim ou Luís Marino. Deste último, devemos reter *Musa Insular*, coletânea descrita pelo seu organizador como “um Espicilégio Popular Madeirense [...] feito com o fim único de divulgar os Poetas da nossa terra”, uma “obra que, embora modesta”, reuniu “centenas de biografias e poesias, muitas delas inéditas” (MARINO, 1959: 3), circunstância que, durante largos anos, fez dela um dos principais livro de referência na área da literatura insular.

Entre os *novos* dos anos 1950/1960, destacamos Jorge Freitas, Herberto Helder, Carlos Camacho e António Aragão, ora pela força renovadora e (auto)crítica que procuraram introduzir no sistema literário madeirense, ora pelo espírito empreendedor e congregador de esforços que, então, demonstraram. Declarando abertamente quererem distanciar-se de “OUTROS MADEIRENSES [que então] CULTIVA[VAM] A POESIA, ISOLADOS COMO ILHAS” (CORREIA *et alii*, 1952: 5), estes jovens não só participaram regularmente (com textos literários, mas igualmente com crítica, crónica e ensaio) nos jornais regionais, como apostaram na edição de antologias/cadernos coletivos, com que tentaram agitar o meio literário da ilha. *Arquipélago*, a primeira dessas coletâneas, saiu no outono de 1952, ainda em colaboração com autores *menos jovens* (ou, pelo menos, *menos irreverentemente jovens*) e que gozavam já de notoriedade local (Florival de Passos, Rebelo Quental, Silvério Pereira e Rogério Correia), os quais rapidamente se distanciaram de alguma rebeldia questionadora desses *novos*. Não surpreende, por isso, que, com um breve intervalo de semanas e sob a liderança oculta de Jorge Freitas, tenha saído do prelo da *Editorial Eco do Funchal* (a cuja fundação Freitas estivera associado) *Areópago* (1952), uma nova coletânea que, sob anonimato pseudonímico e em registo paródico, questionava satiricamente a qualidade e o anacronismo literários de alguns dos de *Arquipélago*, assim como a rápida dissolução da suposta *fraternidade arquipelágica*.

A estas primeiras antologias, seguem-se duas outras, já sem a chancela da *Editorial Eco do Funchal*: *Poemas Bestiais*, em 1954, e *Búzio*, dois anos mais tarde.

Poemas Bestiais, a insólita coletânea de Carlos Camacho (*cúmplice* de Jorge Freitas já em *Areópago*), Herberto Helder e Jorge Freitas, surgia numa edição limitada, artesanal e dotada de um certo experimentalismo de composição gráfica, sendo acompanhada por um provocador manifesto dirigido “Aos habitantes do Arquipélago da Madeira”, onde se anunciava a chegada, em breve, “do início de uma literatura e de um modo de vida absolutamente novos e eficazes” no arquipélago. Um gesto de clara iconoclastia (desde logo, gráfica e plástica, com recurso à colagem e ao decalque, assim como à reutilização de tipos de papel inusitados e menos nobres - folhas de pautas musicais na capa, recortes de publicações estrangeiras nos separadores e

papel *kraft* cinzento no miolo do livro), certamente não alheio ao interesse de Jorge Freitas pelas vanguardas europeias do primeiro quartel do século XX, nem à aproximação de Herberto Helder, em Lisboa, dos surrealistas do Café Gelo. Em certa medida, esse gesto iconoclasta pode ser entendido como prenúncio daquele que António Aragão e Herberto Helder, dez anos mais tarde, em 1964 e 1966, viriam a desenvolver com outros autores portugueses e estrangeiros, nos dois cadernos antológicos *Poesia Experimental*. Estes, já editados em Lisboa, apesar de o último, na verdade, ter sido “composto e impresso nas oficinas gráficas da escola de artes e ofícios - funchal” (ARAGÃO, CASTRO E HELDER, 1966: orelha da caixa). Não surpreende, por isso, que *Poemas Bestiais* (e o manifesto que acompanhava a antologia, onde se podia ler o ousado anúncio de uma *revolução literária e social* na Madeira) tivesse sido proibida pela Direção dos Serviços de Censura em 1955, processo documentado no fundo do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (código de referência PT/TT/SNI-DSC/29/4).

Por seu turno, *Búzio* foi um caderno coletivo organizado em 1956 por António Aragão, que, não por acaso, coincide com *Poemas Bestiais* no propósito de romper com o “monocordismo” que parecia dominar o meio literário insular e que, abrindo-se a colaborações exteriores à ilha (David Mourão Ferreira, Esther de Lemos) e divulgando novas e menos novas vozes locais (Eurico de Sousa, Jorge Sumares, mas também Edmundo de Bettencourt, Herberto Helder e o próprio António Aragão), se assumia como “uma natural exigência, uma requerida consequência viva, inconventional e amorfa [i.e., sem escolas ou formatações predeterminadas] [...] contra o silêncio” que se considerava grassar no arquipélago; “uma espécie de revolta frente ao geografismo imperioso e fatal que, como uma anulação, impõe constante e unicamente um céu azul por cima e um pitoresco turístico em volta” (ARAGÃO, 1956: 2).

Ao *Eco do Funchal* podemos juntar, ainda nos anos 1950/1960, o contributo do semanário *Voz da Madeira*, dirigido por Horácio Bento de Gouveia até 1969, onde, sob o lema “Tudo pela Nação. Tudo pela Madeira” (num claro alinhamento com os valores do Estado Novo e do regionalismo madeirense por que o seu diretor ficou conhecido), tiveram espaço, quer a crítica literária, quer a divulgação de autores e autoras madeirenses: os já consagrados (p.ex., Ricardo Nascimento Jardim, Alberto Figueira Gomes, Florival de Passos ou o próprio Horácio Bento de Gouveia); os *arquipelágicos* (incluindo os dissidentes) Aragão Mendes Correia (i.e., António Aragão), Carlos Cristóvão, Herberto Helder, Jorge Freitas, Rogério Correia; e até vozes mais jovens, como a de Sofia Madeira (pseudónimo de Ângela Caires), que em 1964 viu (com forte aplauso no *Voz da Madeira*) os seus contos policiais galardoados com o 1.º Prémio no Concurso de Revelação atribuído pela Sociedade Portuguesa de Escritores, e cuja obra, depois do 25 de Abril, se destaca no panorama literário regional (com António Loja, embora este privilegiando o registo autobiográfico, enquanto Ângela Caires prefere o ficcional), ao abordar temas relacionados com o fim do Império Colonial e os traumas da Guerra Colonial. Questões

pouco presentes na literatura madeirense, ao contrário do que acontece nos Açores e na literatura portuguesa da transição do século XX para o século XXI.

Ora, precisamente com o 25 de Abril de 1974 e a instauração do regime autonómico regional - acontecimentos que, na Madeira, determinaram o surgimento de novas instituições regionais e locais com responsabilidades em áreas fundamentais para a sustentabilidade de um sistema literário, como sejam as da cultura, da atividade editorial, da educação e do acesso ao livro (p. ex., a Direção Regional dos Assuntos Culturais; a Comissão dos Assuntos Culturais da CMF, sediada no Teatro Municipal de Baltazar Dias, espaço que, entre os anos 1970 e 1990, se tornou um notável centros de atividade cultural da região; a Biblioteca Pública Regional, trazendo finalmente para a Madeira o direito ao depósito legal; os centros de extensão universitária, surgidos em 1978, e a Universidade da Madeira, fundada em 1988; ou até a RTP-Madeira, criada em 1972 e cuja programação, com o avançar da década e em sintonia com o que, desde as décadas anteriores, vinha acontecendo nos canais radiofónicos islenhos, passaria a acompanhar a atividade cultural e literária da região), assiste-se a um período de entusiástica efervescência cultural e artística, também notória no campo literário. A Madeira (especialmente o Funchal) acompanhava, assim, a *revolução cultural* que, pelos mesmos anos, se manifestava em outras zonas do país, finalmente liberto da censura prévia institucionalizada e do controlo do Estado Novo. Segundo António Fournier, este foi “um tempo de transição” na Madeira, uma “época de pioneirismo cultural, de entusiasmo e voluntarismo” (FOURNIER, 2008: 8) que, em boa verdade, já se insinuava desde o final dos anos 1960.

Em 1966 surgiu o *Cine-Forum do Funchal*, cuja programação ultrapassou largamente a cinefilia, estendendo-se a outras artes como a literatura. Para além dos ciclos de poesia que organizou, por vezes abertos ao cruzamento com outras artes, devemos não esquecer os dois *Congressos de Literatura Madeirense* que promoveu mais tarde, em maio de 1999 (prosa) e de 2000 (poesia), os quais, com os *Colóquios Internacionais do Funchal* organizados pela CMF desde 1997 (acima já referidos), sinalizam uma viragem científica no estudo do sistema literário insular, contando com a apresentação de trabalhos de pesquisa e de análise crítica e comparativa desenvolvidos por investigadores universitários. Nomeadamente, alguns associados à Universidade da Madeira, instituição que gradualmente tem vindo a incluir o estudo do sistema literário insular quer em programas de disciplinas de licenciatura, quer em dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

Por outro lado, em janeiro de 1967, o Funchal assistia ao lançamento da II série (*cor-de-rosa*) do *Comércio do Funchal* (CF), onde se regista um forte investimento na divulgação cultural, no estímulo ao pensamento crítico, sem descurar a literatura. À crítica literária, ao ensaio, à entrevista e à divulgação de bibliografia literária recente, em textos assinados por figuras como António José Saraiva, Fernando Dacosta ou António Aragão (este, em 1971, viria mesmo a publicar o seu romance experimental *Um buraco na boca*, com a chancela *livros cf*), o *jornal cor*

de rosa crescia, nas suas páginas e colunas (p. ex., “Pedra” e “Juvenil”), a publicação de textos de uma nova geração de autores madeirenses como A. J. Vieira de Freitas, José de Sainz-Trueva, José Agostinho Baptista, Luís Manuel Angélica, mas também Silvestre Pestana e António Nelos, os últimos dos quais, nas décadas seguintes e com outros criadores insulares como António Dantas e António Barros, se destacariam na poesia visual, assegurando a continuidade da herança do experimentalismo cosmopolita inaugurado por António Aragão, Herberto Helder e seus companheiros nos cadernos de 1964 e 1966.

Em 1972, A. J. Vieira de Freitas envolveu a Escola Industrial e Comercial do Funchal na organização do colóquio *Ao encontro da poesia*, contando com a participação de escritores madeirenses no seu programa (para além do organizador, Tolentino Nóbrega, Irene Lucília Andrade, e o ainda muito jovem José António Gonçalves), procurando, assim, aproximá-los do ensino e de leitores escolares. Em novembro do ano seguinte, o mesmo Vieira de Freitas editava o n.º 1 (e único) de *Movimento. Cadernos de poesia & crítica*, reunindo poemas assinados por poetas insulares da sua geração e por continentais como Eugénio de Andrade, António Ramos Rosa e Pedro Tamen.

Por esses mesmos anos, o *Jornal da Madeira* contribuía igualmente para a divulgação desta *nova geração* mais recente e para a atualização do debate estético, cultural e filosófico, por exemplo, no suplemento literário *A Ilha*, dirigido por António Jorge Andrade, ou nas colunas “Letras & Artes” e “Página 2000”.

Esta última, coordenada por José António Gonçalves, viria a assumir especial relevância na história da literatura madeirense das últimas décadas do séc. XX, na medida em que foi o embrião de dois projetos editoriais posteriores que cumpriram o mesmo desiderato de “Página 2000”. Ambos dirigidos por José António Gonçalves (que, em 1989, viria a ser um dos cofundadores da atribulada e polémica Associação de Escritores da Madeira), esses projetos editoriais foram: a série de antologias *Ilha*, inaugurada em 1975 e retomada em 1979, 1991, 1994 e em 2008 (neste ano, o n.º 5, sob organização de Marco Gonçalves, saía após o falecimento e em homenagem ao mentor do projeto); e, a partir de 1988, a coleção “Cadernos Ilha”. De forma coletiva, nos cinco números da antologia *Ilha*, ou de forma singular na coleção homónima, saíram do prelo textos de alguns dos autores que, então, ganhavam maior visibilidade: Ana Margarida Falcão, Dalila Teles Veras, Carlos Nogueira Fino, Fátima Pitta Dionísio, Irene Lucília Andrade, João Carlos Abreu, José Laurindo Goes, José Sainz-Trueva, José Viale Moutinho, Luís Viveiros, São/Laura Moniz, entre outros, sem esquecer o próprio José António Gonçalves e A. J. Vieira de Freitas.

Como não podia deixar de ser, até pelas circunstâncias políticas e administrativas antes referidas, este dinamismo criativo e cultural ganhou maior vigor após 1974.

Sob a alçada dos serviços culturais da CMF (inicialmente dirigidos por Fernando Nascimento e, a partir dos anos 1980, com a importante colaboração de Maria Aurora Carvalho

Homem, jornalista, dinamizadora cultural e também escritora), destacamos, logo em 1974, a criação da *Feira do Livro do Funchal*, na verdade já reclamada anteriormente nas páginas do CF. Lembramos também a organização de ciclos de poesia madeirense (por vezes em articulação com o Cine-Forum do Funchal, clube a que Fernando Nascimento também esteve associado) e de exposições de *poesia ilustrada* (1976; 1981; e 1989, desta vez em coorganização com a recém-formada Associação de Escritores da Madeira e com a Associação de Artistas Plásticos da Madeira, contando também com o apoio da DRAC).

Estas exposições estimularam a criação na área da poesia visual (praticada e valorizada na Madeira desde os anos 1960), tendo contribuído para a emergência de novas tendências, em poetas-artistas como Teresa Jardim, cuja obra poético-visual, a partir de então, não apenas vem refletindo sobre os limites da poesia e da arte, mas também a enveredar por um discurso marcadamente topofílico e ecocrítico, antecipando uma tendência literária que nos últimos anos vem crescendo nos sistemas literários contemporâneos (SALGUEIRO, no prelo).

Outra iniciativa camarária a salientar foi a instituição, em 1995, do *Prémio Literário Edmundo Bettencourt* que, homenageando um poeta reconhecido como sendo da Madeira, tem galardoado maioritariamente textos de autores e autoras insulares que concorrem sob anonimato, apoiando a edição das obras premiadas quer em editoras nacionais, quer regionais.

Com relevo também assinalável foi a criação, pela CMF, da revista *Margem* em 1981, que, no editorial do seu n.º 4, se apresentava como “uma revista de cultura que nasceu no Funchal, mas não sofre de «insularité»; e que não pretende ser mais um grupo hermético, mais uma «capelinha» ilhada no lago da cultura portuguesa” (s.n., 1983: s.p.). A partir de 1995 (ano em que inaugura a segunda série, após um interregno de 12 anos), com o título ligeiramente atualizado e sob coordenação editorial de Maria Aurora, *Margem 2* funcionou como espaço privilegiado para divulgação literária de autoras e autores madeirenses contemporâneos, em paralelo com críticos e autores de outras paragens: textos literários de vários géneros eram regularmente publicados nas suas páginas, assim como crítica literária e ensaísmo, sendo de notar, em relação a estes últimos géneros, a sua presença em números especiais de *Margem 2* dedicados a autores insulares como Herberto Helder, Ernesto Leal, José António Gonçalves, Irene Lucília Andrade, António Aragão, edições quase sempre coordenadas por investigadores universitários (SALGUEIRO, 2008).

Em 1975, ainda sob tutela dos serviços culturais da CMF e sediado no Teatro Municipal de Baltazar Dias, era criado o *Grupo Experimental de Teatro do Funchal*, mais tarde renomeado *Teatro Experimental do Funchal* (TEF) e passando depois a associação cultural sem fins lucrativos (ATEF), já autónoma da CMF e colhendo apoio de outras instituições. Para além de ter produzido saraus de literatura madeirense (p.ex., *Noite de poesia madeirense*, com encenação de Eduardo Luís, em 1988), de ter marcado presença na *Feira do Livro do Funchal* com animação de rua e com a encenação de textos dramáticos portugueses (vd. 1995), a TEF/ATEF

promoveu, em 1989, na Casa do Povo da Camacha (onde, em 1987, nascera o *Grupo de Teatro Experimental da Casa do Povo da Camacha*), o *I Ciclo Teatro Madeirense* e, desde os primeiros anos, tem levado à cena obras de autores insulares, criando condições para que, através da performance teatral, estes textos literários (originalmente dramáticos ou não) sejam conhecidos. Entre outros, a TEF/ATEF levou à cena: textos de Baltazar Dias; *Enquanto o mundo for mundo*, de Francisco Ventura e Carlos Lélis; *O Emigrante* e *O homem no seu berço natal*, de João França; *Gente* e *Soprou Vento Leste*, de Lília Bernardes; *O Natal do gato amarelo*, de Marcela Costa; *A ilha de Arguim*, de Francisco Pestana; ou *Histórias da Deserta Grande*, de José Viale Moutinho (AAVV, 2022).

Mais recentemente, outros grupos de teatro amador, como a *Associação Companhia Contigo Teatro* (1999) ou o *GATO - Grupo de Amigos do Teatro* (2017) têm dado continuidade a esse trabalho de divulgação e reinterpretação performativa de literatura madeirense (e não só), seja através da produção de espetáculos para públicos diversificados, seja por via de programas de formação.

Nos anos posteriores à Revolução dos Cravos e à instauração do regime autonómico regional, outras iniciativas (públicas, associativas e privadas) de âmbito cultural fomentaram também a criação literária e a dinamização do sistema literário insular, muitas vezes fazendo a ponte com outras artes, como aconteceu, por exemplo, em projetos levados a cabo ou acolhidos pela PORTA33, fundada em 1989 como associação e centro de arte contemporânea. A título meramente ilustrativo, lembremos, em 1997, a intervenção *Coincidências* de José Barrias na parede exterior do edifício da PORTA33, trazendo para uma das ruas do Funchal, em tempos habitada por Herberto Helder, a transcrição do seu poema “A menstruação quando na cidade passava”.

No que à Direção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC) diz respeito, deve ser referido o seu investimento na atividade editorial. Em 1987, a DRAC passava a editar a revista *Islenha* (ainda hoje ativa), então fundada e dirigida por Nelson Veríssimo, historiador cuja produção científica, crítica e editorial, desde então, se estendeu também ao campo literário, participando em júris de prémios, organizando importantes antologias (nomeadamente as que compilaram ficção narrativa, género pouco privilegiado nas antologias madeirenses) e divulgando no seu blogue, *Passos na calçada*, atualizadas notas biográficas e bibliográficas respeitantes a autores e autoras do arquipélago. *Islenha* surgia, assim (e numa fase em que *Margem* suspendera as suas edições), como outra publicação periódica madeirense com alcance internacional que incluiu os estudos literários *de* e *sobre* autoria madeirense nas suas páginas, particularmente orientadas para a disseminação de investigação sobre ilhas (não apenas as do arquipélago que a acolhia), suas realidades históricas, geopolíticas e culturais. Paralelamente, a DRAC iniciava um catálogo de publicações que, gradualmente, foi reunindo não apenas títulos literários de autores e autoras madeirenses do passado e do presente (Albino de Menezes, Carlos Fino,

Francisco Álvares de Nóbrega, Horácio Bento de Gouveia, João França, José Tolentino Mendonça, Manuel Gonçalves, Octávio Marialva, Teresa Jardim, ...), mas também antologias e trabalhos de investigação sobre o sistema literário do arquipélago. A disponibilização destes livros na Feira do Livro de Lisboa e na Feira do Livro do Funchal, em *stand* próprio da DRAC, retomou o propósito que levava Maria Mendonça, ainda durante o Estado Novo, a investir no *Stand Insular*: colmatar o grave problema de distribuição dos livros editados no arquipélago (ainda hoje sentido, no exterior, mas também na própria Madeira e no Porto Santo), procurando tornar visível a existência quer de criadores literários madeirenses, quer de investigação sobre este sistema literário.

O apoio da DRAC a iniciativas que se apresentavam como promotoras da criação literária, da leitura e da reflexão crítica sobre a escrita também se estendeu ao Porto Santo, ao financiar os encontros *Poesia no Porto Santo*. Estes, organizados por Casimiro de Brito na Vila Baleira, a partir de 1997, com a colaboração do *Pen Club Português* e com forte impulso de João Carlos Abreu (então Secretário Regional do Turismo e Cultura), viriam mais tarde a resultar em antologias igualmente editadas pela DRAC (COSTA, 2022: 90-92).

Por outro lado, o investimento editorial público foi complementado pelo surgimento, na Madeira, de pequenas editoras privadas (p. ex. a *Ilhatur*, fundada ainda nos anos 1970) e de coleções ora dedicadas especificamente à literatura madeirense (como a “Autores da Madeira” que Maria Aurora coordenou, entre 2001-2007, na editora portuense *Campo das Letras*, com apoio da CMF), ora abrangendo outras áreas artísticas e culturais, mas onde também foram editadas ou reeditadas obras literárias. Destaque-se, neste último caso, a coleção *Funchal 500 anos*, criada pela comissão que promoveu a comemoração do quinto centenário da capital madeirense em 2008, onde se encontram, para além de textos de autores contemporâneos (Irene Lucília, Ernesto Leal, Laura Moniz), obras que eram/são reconhecidas como fazendo parte do património literário insular (p. ex.: *As saudades da terra: história das ilhas do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens*, de Gaspar Frutuoso, com as canónicas anotações de Álvaro Rodrigues de Azevedo; *Novo romanceiro do arquipélago da Madeira*, recolhido e organizado por Pere Ferré; ou *Canga* de Horácio Bento de Gouveia).

Na transição para o século XXI, as inovações tecnológicas e o acentuar dos fenómenos de globalização (ora mais democratizantes, ora mais hegemónicos e mercantilizantes) introduziram transformações radicais no modo como as sociedades funcionam, se percecionam, comunicam entre si e fazem circular os seus bens culturais. Inevitavelmente, o impacto destas transformações também se repercutiu no sistema literário madeirense

Em 2004, José António Gonçalves recorria à internet para editar e fazer circular a sua *Poesia dos calendários*. Segundo Marco Gonçalves (na “Nota do organizador” com que abre *À luz dos olhos das borboletas*, recolhida por si realizada de alguns textos desse projeto do pai, que a editora açoriana *Companhia das Ilhas* deu à estampa em 2024), *Poesia dos calendários* foi uma

mailzine através da qual José António Gonçalves, diariamente e ao longo de um ano, enviou a milhares de leitores “composições” selecionadas de “muitos poetas e prosadores do mundo, de Portugal e da Madeira” (como lembrou João David Pinto Correia), quase sempre acompanhadas por poemas inéditos do próprio autor-editor do projeto (CORREIA, 2008: 29). Em certo sentido, *Poesia dos calendários* atualizava, agora com recurso ao correio eletrónico, as experiências da *mail art* de décadas anteriores, também praticadas na Madeira por autores-artistas como António Aragão ou António Dantas.

Em 2023, a então Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira (DRABM) reeditava a obra completa de João dos Reis Gomes em suportes digitais (PDF e ePUB), disponibilizando, em linha, com acesso aberto e gratuito, 20 livros desse autor, facilitando, assim, a leitura de textos há muito esgotados e por isso pouco conhecidos. Este terá sido o primeiro passo de um mais ambicioso projeto editorial da DRABM, com vista à divulgação do repertório literário madeirense, recorrendo a novas tecnologias e procurando alcançar leitores mais jovens.

Ao longo dos 20 anos que medeiam os projetos digitais e internauticos de José António Gonçalves e da DRAM, há também a registar o aparecimento dos primeiros blogues assinados por autores madeirenses (p. ex.: *Cartas de Praga* de Tiago Patrício, desde 2010; *Ventos obtusos* de Maria Fernandes, desde 2011; ou, de Dinarte Vasconcelos - pseudónimo de Filipe dos Santos -, o tríptico *Poemas para o dia seguinte*, *Aforismos para o dia seguinte* e *Crónicas para o dia seguinte*, os três abertos em 2011). Estes novos *media* permitiram a publicação digital dos seus textos em plataformas acessíveis a leitores de todo o mundo, alguns dos quais acabariam por ser reunidos e editados em livro impresso. Não surpreende, por isso, que a tradução (para português, de textos de autores estrangeiros; ou de textos dos próprios autores madeirenses para outras línguas) se encontrem entre os trabalhos aí disponibilizados.

Acompanhando a viragem para o digital e para a publicação em linha, surgem, entretanto, novas revistas que procuraram retomar o estímulo quer à criação literária na Madeira (e em outras geografias), quer ao cruzamento interartes, quer ao diálogo cosmopolita com criadores, críticos e investigadores de outras geografias, ampliando a circulação nacional e internacional de textos dos seus colaboradores insulares e o alcance de novas redes colaborativas entre autores, críticos, editoras, projetos artísticos e culturais. Entre estas publicações, destacamos o periódico *A.Poética* e a revista *TRANSLOCAL. Culturas contemporâneas locais e urbanas*.

O primeiro, lançado por Maria Fernandes em maio de 2015 e mantendo-se ativo até março de 2018, estreitou a triangulação literária entre autores madeirenses, brasileiros e portugueses continentais, em especial de gerações mais recentes, publicando (primeiro quinzenalmente, depois mensalmente) poesia proposta pelos autores e autoras e selecionada por uma comissão de leitura constituída maioritariamente por poetas madeirenses com obra já reconhecida (José Agostinho Baptista, José de Sainz-Trueva, João Dionísio). A poesia, aqui, surge

frequentemente acompanhada pela imagem de fotógrafas e fotógrafos (Ana Marta, Fedra Espiga Pinto, João Evangelista, Miguel Jardim, Pedro Teixeira Neves, ...) e por notícias de publicações e de eventos literários considerados de relevo, em especial para o sistema literário madeirense. Vários poetas da *novíssima* geração insular divulgados em *A.Poética* (Assunção Varela, Carlos Nó, Diana Castro e Abreu, Dinarte Vasconcelos, Filipe Camacho, Jorge Maggiore, Luís Filipe Vieira de Freitas, Maria Fernandes, Miguel Santos, entre outros) acabariam por ser reunidos na coletânea de 2019, intitulada *Mostrengo. Antologia poética*, já impressa em papel e também coordenada por Maria Fernandes. Um projeto ambicionado desde 2011 por alguns dos autores aí reunidos (todos nascidos “a partir da década de 70 do século XX” - FERNANDES, 2019: 5), mas que apenas sairia do prelo com o apoio da CMF, através do programa *Apoios Financeiros ao Associativismo e a Atividades de Interesse Municipal* criado em 2016, o qual tem vindo a financiar diferentes projetos literários. Fazendo jus ao título pessoal que lhe foi atribuído, a poesia muito heterogénea coligida em *Mostrengo* privilegia a reflexão sobre a condição humana, sobre o impulso da escrita e os limites da palavra, num mundo contemporâneo desconcertante e em desalinho. Distancia-se, assim, das temáticas dominantes que ensaístas como Urbano Bettencourt identificaram nas coletâneas de autores madeirenses das últimas décadas do século XX: os temas da geografia da ilha, da inquietação e do viver insulares (BETTENCOURT, 2016: 430).

A revista TRANSLOCAL, fundada em 2017 por Ana Salgueiro e Duarte Santo, fruto de uma parceria entre o Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira (UMa), a CMF e a Imprensa Académica, assumiu um duplo formato com edições autónomas: uma digital *online*, com periodicidade irregular; outra, impressa em papel e publicada anualmente. Apresentando-se como herdeira de *Margem* e *Margem 2*, desde logo pela ligação à CMF, embora adotando critérios editoriais distintos, aproximando-se das boas práticas de rigor académico das atuais revistas científicas, a TRANSLOCAL, quer nos números digitais, quer nos impressos, tem dado a ler (e a ver e a ouvir, socorrendo-se, nestes casos, das potencialidades que a edição em linha sustenta) autores madeirenses de várias gerações (Cabral do Nascimento, Edmundo de Bettencourt, Herberto Helder, António Aragão, Dalila Teles Veras, António Barros, Tolentino Mendonça, Teresa M. G. Jardim ou nu-mero-coletivo). Simultaneamente, tem vindo a publicar (por vezes em edições especiais dedicados às suas obras) ensaios, artigos, resenhas críticas ou notas de leitura e recriações/releituras acerca de autores e autoras madeirenses. Acolheu, por exemplo, trabalhos sobre José Agostinho Baptista, António Vieira de Freitas, Ana Teresa Pereira, Ana Cristina Pereira, e (no cruzamento entre palavra e imagem) Samuel Jarimba e Filipe Olival (criadores da banda desenhada) ou Rafaela Rodrigues (autora de livros ilustrados para crianças).

Por outro lado, à habitual *Feira do Livro do Funchal*, desde 1974 promovida anualmente pela CMF (e que nos últimos anos vem homenageando figuras importantes do sistema literário

madeirense: Maria Mendonça, Maria Aurora, Ana Teresa Pereira, etc.), juntaram-se recentemente outras congéneres, em cidades como Santa Cruz e Ribeira Brava, organizadas pelas respetivas autarquias, assim como vários festivais literários (p. ex., *Festival Literário da Madeira*, criado pela editora *Nova Delphi* entre 2011 e 2018; *Festival Literário do Porto Santo*, promovido pelo grupo de docentes de Português da Escola Básica e Secundária Prof. Doutor Francisco de Freitas Branco, que completou a sua sétima edição em 2022; ou o mais recente *FALEMOS - Festival do Livro e da Leitura da Madeira*, inaugurado pela Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira em 2023). Com alcances distintos e contando ou não com a presença e a colaboração de editoras e autores nacionais, estes eventos visam promover o livro e a leitura no arquipélago, reservando lugar para a divulgação do livro e da literatura madeirenses. Na sua programação incluem encontros de leitores com autores insulares, por vezes associados à apresentação de livros recentes por investigadores e críticos, assim como a eventos performativos e expositivos ou até a iniciativas de formação e (re)criação, que dialogam com o repertório literário insular. Não surpreende, por isso, que vários grupos musicais regionais, como *Vértice* ou *Xarabanda*, cujos repertórios integram versões musicadas ou declamadas de poesia madeirense (popular e/ou erudita), tenham sido chamados a atuar em alguns desses eventos, reforçando, por via da performance e não apenas do livro, a divulgação e recriação dessas obras literárias.

Ainda no campo editorial e livreiro que em Portugal, nas primeiras décadas do século XXI, sofreu uma forte reestruturação, com a formação de grandes grupos económicos, o sistema literário da Madeira (desde sempre deficitário nessas duas áreas e cujo repertório continua a ter uma limitada visibilidade na cena literária nacional) encontrou nas editoras independentes, a aliança que lhe permitiu ultrapassar a entropia a que aquela transformação económica o parecia condenar. Nuns casos movidas por critérios de qualidade estético-literária e de relevância cultural, noutros por interesses principalmente comerciais (vejam-se os projetos editoriais assentes em dinâmicas de autopublicação, em que o livro é sobretudo concebido como objeto transacionável, capaz de satisfazer a necessidade comunicativa e/ou o desejo de prestígio sociocultural que a criação literária ainda pressupõe, apesar de este propósito resultar por vezes questionável, uma vez que as edições em causa, frequentemente, não são sujeitas a uma rigorosa avaliação dos textos publicados, sendo asseguradas pelo pagamento antecipado dos custos dos livros pelos respetivos autores), o fenómeno heterogéneo das editoras independentes tem vindo a provocar novas dinâmicas de escrita, edição e leitura no sistema literário insular, introduzindo no mercado livreiro e nas bibliotecas da região, autores e autoras mais ou menos principiantes, com maiores ou menores qualidades de escrita e de rasgo criativo, que de outra forma dificilmente sairiam do prelo. A este respeito, pelo cuidado na seleção de obras que integram os seus catálogos, vejam-se os casos de editoras independentes madeirenses como, p. ex., a *Imprensa Académica* e a *Cadmus* (chancelas da Associação

Académica da UMa que, nos últimos anos, têm apostado quer na publicação de património literário insular e de estudos sobre esse repertório, quer na edição de literatura para leitores infantojuvenis de autoria madeirense, quer na distribuição nacional e internacional do seu catálogo, quer na articulação com instituições culturais e educativas da região e da diáspora), a Jóias de Cultura, ou O Liberal; mas também de editoras sediadas em localidades externas à região, como sejam, p. ex., a Companhia das Ilhas (da ilha do Pico, nos Açores), a 7 Dias 6 Noites (de Vila Nova de Gaia), a Edições Húmus (de Vila Nova de Famalicão) ou a Âncora Editora (de Lisboa).

De resto, foi com esta última chancela que José de Sainz-Trueva e Irene Lucília Andrade (autores com uma obra de qualidade reconhecida desde a década de 1970), com Leonor Martins Coelho, Thierry Proença dos Santos e Ana Margarida Falcão (investigadores da UMa, cujo trabalho se tem ocupado do estudo do sistema literário madeirense, sendo que a última, entretanto falecida, foi também escritora literária) editaram os dois volumes de *Cadernos de Santiago*, a que já nos referimos: o primeiro em 2016; o segundo em 2021. Esta coletânea, para além de fazer acompanhar todos os poemas selecionados de breves ensaios ou notas de leitura assinados por críticos competentes, tem a particularidade de reunir poesia de numerosos autores de várias gerações: desde Eurico de Sousa e João Rui de Sousa - este último, companheiro de António Ramos Rosa e outros poetas portugueses na fundação de *Cassiopeia*, em 1955, mas reclamado como poeta também do arquipélago, no segundo volume de *Cadernos de Santiago*, quer pela sua origem paterna madeirense (do Porto da Cruz), quer pela publicação no Funchal de um dos seus livros de poesia (*Concisa instrução aos nautas*, n.º 4 da coleção *Livros de Cordel*, CMF, 1999), quer pela reiterada participação em encontros literários no Porto Santo e na Madeira; passando por poetas que se destacaram ao longo dos anos 1960-1990 (A. J. Vieira de Freitas, Ana Margarida Falcão, Carlos Nogueira Fino, Dalila Teles Veras, David Pinto Correia, Fátima Pitta Dionísio, Irene Lucília Andrade, José Agostinho Baptista, José António Gonçalves, José de Sainz-Trueva, José Laurindo de Góis, José Viale Moutinho, Laura Moniz, etc.) e autoras ligeiramente posteriores (Irene de Mendonça e Freitas, Teresa M. G. Jardim, etc.); chegando aos autores e autoras das “Novas Décadas”, como lhes chamou Ernesto Rodrigues na “Coda” do Vol. II” (Assunção Varela, Dinarte Vasconcelos, Filipe Camacho, Maria Fernandes, Luís Filipe Vieira de Freitas, Teresa Klut, ...); e sem esquecer a enigmática (e provavelmente ficcional) Judith A..

Consciente das limitações que, em termos editoriais, o sistema literário insular apresenta, nomeadamente na área muito específica da literatura dramática, há ainda a salientar a *Coleção Baltazar Dias*, criada em 2018 pela CMF, através do Teatro Municipal de Baltazar Dias, com um triplo propósito: homenagear o poeta-dramaturgo quinhentista, nascido na Madeira; recuperar o repertório dramático madeirense do passado (p. ex., Baltazar Dias, João de Nóbrega Soares, Eugénia Rego Pereira, Florival de Passos), tornando-o acessível quer a leitores, quer a grupos de teatro atuais; e incentivar, no arquipélago, a criação literária dramática contemporânea,

como já aconteceu com *skylight* de Marcela Costa, em 2024, e com *Os qu'emigraRAM*, projeto de investigação-criação teatral, cocriado e levado à cena por Ricardo Brito, João Paiva, João Gregório Rojas e Sara Cíntias, posteriormente traduzido para escrita e editado em livro em 2023.

Referimo-nos, anteriormente, às polémicas tentativas da Secretaria Regional da Educação para implantar um Plano Regional de Leitura e estender a regionalização do currículo escolar à literatura madeirense. A primeira nunca foi de facto concretizada e a segunda, executada de forma mais ou menos formal, aguarda estudo crítico sobre o modo como foi implementada e os resultados entretanto obtidos. Contudo, há a assinalar vários projetos desenvolvidos pela Direção Regional de Educação (DRE) ou por esta apoiados, que têm o objetivo de estimular não só a escrita criativa junto das comunidades educativas, mas também a leitura de autores e autoras madeirenses, contando com a mediação das bibliotecas escolares e de docentes de diversos grupos disciplinares, com destaque para os das disciplina de Português e Artes Visuais. Entre outros, encontramos o projeto *Baú de Leitura*, implementado pela DRE desde 2001 e particularmente ativo em escolas do ensino básico; o projeto *Ler com amor*, criado em 2013 pela Associação Companhia Contigo Teatro, desenvolvido em parceria com a DRE, e que, incidindo sobretudo na promoção da leitura em voz alta e performativa de textos literários junto de alunos dos vários ciclos escolares, tem também assegurado a formação de professores e a organização quer dos *Encontros literários de leitura em voz alta - Ler com amor*, quer do projeto lusófono *Tanto mar, uma só língua*, dinamizado no Funchal, mas procurando estreitar a relação com outros países lusófonos e aprofundar o conhecimento mútuo das suas literaturas; ou o *CriaPoesia - Encontro juvenil do Atlântico*, um concurso de poesia visual anual e internacional, cobrindo as ilhas da Macaronésia (Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde), iniciado no ano letivo de 2014-2015 pela *CRIAMAR - Associação de solidariedade social para o desenvolvimento e apoio a crianças e jovens* (fundada pelo escritor e antigo Secretário Regional do Turismo e Cultura, João Carlos Abreu), com o qual se pretende promover, junto dos jovens dos quatro arquipélagos, a leitura e a criação de poesia-visual.

Feita esta demorada viagem no tempo (muitas vezes na companhia do trabalho realizado por outros investigadores), uma retrospectiva não exaustiva (sublinhe-se) que procurou resgatar do esquecimento ou mesmo do desconhecimento alguns momentos/acontecimentos da história da cultura madeirense em que agentes literários, através da publicação de livros monográficos, antologias e periódicos, de exposições e performances, de tertúlias e encontros científicos, de projetos formativos e educativos, afirmaram, (re)pensaram e/ou reinventaram a literatura na e da Madeira, i. e., o seu sistema literário, consideramos ser legítimo substituir a pergunta *existe uma literatura madeirense?*, por outra que, embora contígua, procura respostas bem distintas: “que literatura(s) madeirense(s) tem/têm existido”, com todas as limitações e/ou valias que ao longo do tempo lhe(s) foram apontadas ou lhe(s) possam ainda vir a ser atribuídas?

Manuel Frias Martins, sem se referir a nenhuma em específico, afirma que a literatura (qualquer que seja) é uma “realidade socialmente construída”, dotada de “uma história”, e que, enquanto tal e enquanto “actividade da cultura”, se manifesta “de modos muito diversos e não raras vezes conflituosos”, apesar de “encontra[r] a legitimidade objectiva de si mesma como modo de conhecimento através de um reconhecimento *colectivamente consensual*”, mas não obrigatoriamente homogéneo e acrítico, em que, por isso mesmo, terá de haver lugar para a hesitação sobre os “casos incertos” (MARTINS, 2003: 94 e 99). Não surpreende, portanto que, apesar de não concordar em absoluto com os pressupostos da Teoria da Recepção, Frias Martins cite-traduzindo Stanley Fish:

O acto de reconhecimento da literatura não é forçado por algo existente no texto, nem emana de uma vontade independente e arbitrária; antes, ela deriva de uma decisão coletiva acerca daquilo que deve contar como literatura, uma decisão que continuará em vigor somente enquanto a comunidade de leitores ou crentes continuar a submeter-se a ela (FISH, 1980: 11, *apud* Martins, 2003: 81)

No caso da Madeira, a distância atlântica e o isolamento insular (que, como demonstrámos anteriormente, nunca excluíram em absoluto os seus escritores, leitores e críticos da *república mundial das letras e de outras artes*) terão sido decisivos para a emergência de uma comunidade interpretativa autónoma, que, pelo menos desde o início do século XX, quis reconhecer a existência de criação literária no arquipélago e investiu na edificação de um sistema literário próprio. Ao longo do tempo, os obstáculos (internos e externos) a esse projeto foram sempre muitos e a definição do que era ou devia ser literatura madeirense nunca foi isenta de polémicas e discordâncias. Desses acertos e desacertos também se faz o dinamismo de um sistema literário vivo.

Aos Colóquios LITERATURA MADEIRENSE cumpre agora dar continuidade à reflexão sobre o que este sistema tem sido, é e poderá vir a ser, enquanto a(s) comunidade(s) madeirense(s) assim o entenderem.

Referências bibliográficas:

AAVV (2008), “Inquérito *Ilha* [conduzido por António Fournier]”, *Margem 2. Um dia com José António Gonçalves*, n.º 3, Funchal: CMF, pp. 108-116.

AAVV (2015-2018), *A.Poética periódico de poesia*, acessível em <https://periodicoapoetica.wordpress.com>

AAVV (2016), *Cadernos de Santiago I. Colectânea de poesia*, orgs. José de Sainz-Trueva, Ana Margarida Falcão, Irene Lucília Andrade, Leonor Martins Coelho, Thierry Proença dos Santos, Lisboa: Âncora Editora.

AAVV (2021), *Cadernos de Santiago II. Colectânea de poesia*, orgs. José de Sainz-Trueva, Irene Lucília Andrade, Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos, Lisboa: Âncora Editora.

AAVV (2022), *Teatro Experimental do Funchal. 45 anos de Teatro 1975-2020*, Funchal: the one line design.

AAVV (s.d.), *Maria do Carmo Rodrigues e a escrita de recepção infantojuvenil. Caderno de divulgação Exposição*, Funchal: ABM.

ANTUNES, Luísa Marinho (2014), “Literatura e literatos: questões e contornos da literatura produzida na Madeira e sobre a Madeira”, *Que Saber(es) para o Século XXI?*, org. José Eduardo Franco e Cristina Trindade, Lisboa: Esfera do Caos/APCA, pp. 403–412.

ARAGÃO, António, org. (1956), *BÚZIO. Caderno Literário*, n.º 1, Funchal/Porto: Edição de António Aragão.

ARAGÃO, António, org. (1981), *A Madeira vista por estrangeiros: 1455-1700*, Funchal: DRAC

ARAGÃO, António, CASTRO, e. M. de Melo e, HELDER, Herberto (1966), *Poesia experimental*, 2.º caderno antológico, Lisboa: A. Aragão.

AZEVEDO, Álvaro Rodrigues de, org. (1880), *Romanceiro do Archipélago da Madeira*, Funchal: Tipografia da “Voz do Povo”.

BETTENCOURT, Urbano (2016), “Uma reflexão”, *Cadernos de Santiago I Colectânea de poesia*, orgs. José de Sainz-Trueva, Ana Margarida Falcão, Irene Lucília Andrade, Leonor Martins Coelho, Thierry Proença dos Santos, Lisboa: Âncora Editora, pp. 457-431.

BORGES, Ângela, STEPHANE, Isabel e CARITA, Rui, orgs., (1987), *Antologia literária, Madeira Sécs. XVII e XVIII*, Vol. II, Funchal: SRE.

CABRAL, João (1918a), "Literatura Madeirense. Prefácio do livro em preparo: Antologia de Poetas da Ilha da Madeira", *Diário da Madeira*, n.º 2228 (18 agosto.) Funchal: Empresa do Diário da Madeira, p. 1.

CABRAL, João (1918b), “Literatura Madeirense II. O Simbolismo”, *Diário da Madeira*, n.º 2229 (20 agosto), Funchal: Diário da Madeira, p.1.

CABRAL, João (1918c), “Literatura Madeirense III. O Futurismo”, *Diário da Madeira*, n.º 2231 (22 agosto), Funchal: Diário da Madeira, p.1.

CABRAL, João (1918d), “Literatura Madeirense IV. A novíssima geração”, *Diário da Madeira*, n.º 2233 (24 agosto), Funchal: Diário da Madeira, p.1.

CABRAL, João (1918e), “Literatura Madeirense (Conclusão). As Poetisas”, *Diário da Madeira*, n.º 2235 (27 agosto), Funchal: Diário da Madeira, p.1.

CAMACHO, Carlos, HELDER, Herberto, FREITAS, Jorge (1954), *Poemas bestiais*, s.l.: s.n..

CASANOVA, Pascale (2008 [1999]), *La République mondiale des Lettres*, Paris: Éd. du Seuil, pp. 253-262.

CLODE, Luiz Peter (1950), "Uma palavra de introdução", *Das artes e da história da Madeira*, vol. 1, n.º 1 (jun.), Funchal: Sociedade de Concertos da Madeira, p. 1.

COELHO, L. M. e SANTOS, T. P. (2011), “História da Literatura Infanto-Juvenil na Madeira: os primeiros passos de uma investigação”, *Revista Portuguesa de Educação Artística*, Funchal: CEPAM-Eng.º Luiz Peter Clode, 79-89.

CORREIA, Aragão et alii (1952), *Arquipélago*, Funchal: Eco do Funchal.

CORREIA, João David Pinto (1994), *Os romances carolíngios da tradição oral portuguesa*, vol. I, Lisboa: INIC.

COSTA, Bruno Abreu (2024), "A Esperança (1919-1938): a materialização de uma revista católica de formação social madeirense", *Arquivo Histórico da Madeira*, nova série, n.º 6, Funchal: DRABM, pp. 889-1006.

- COSTA, Sara Carina Freitas (2022), *30 Anos de literatura na Madeira. A visão panorâmica do Diário de Notícias da madeira e do Jornal da Madeira (1989-2019)*, dissertação de mestrado em Gestão Cultural, Funchal: UMa.
- FERNANDES, Maria (2011-_), *Ventos obtusos*, acessível em <https://alucinated.blogspot.com/>
- FIGUEIRA, Paulo César Vieira (2022), *João dos Reis Gomes. Contributo literário para a divulgação da história da Madeira*, V.N. Famalicão: Edições Húmus.
- FIGUEIREDO, Fernando (2008), "Especificidade, Autonomia e Identidade Cultural: a Literatura no Arquipélago da Madeira", *Da Galiza a Timor: a lusofonia em foco. Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Santiago de Compostela, 18-23 jul. 2005*, eds. Carmen Villarino Pardo, Elias J. Torres Feijó e José Luís Rodrigues, Vol. I, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 1487-1494.
- FOURNIER, António (2008a), "A incurável febre luminosa de José António Gonçalves", *Margem 2. Um dia com José António Gonçalves*, n.º 3, Funchal: CMF, pp. 6-11.
- FOURNIER, António (2008b), "A fidelidade aérea às raízes", *Margem 2. Um dia com José António Gonçalves*, n.º 3, Funchal: CMF, pp. 84-88.
- FOURNIER, António (2014), "La poesia en Madeira", *ACL Revista Literaria* (digital), n.º 2, Santa Cruz de Tenerife y Las Palmas de Gran Canaria.
- GONÇALVES, José António (2024), *À luz dos olhos das borboletas*, Lajes do Pico: Companhia das Ilhas.
- MARINO, Luís, org. (1959), *Musa Insular (Poetas da Madeira)*, Funchal: Editorial Eco do Funchal.
- MARTINS, Manuel Frias (2003), *Em teoria (a literatura). In theory (literature)*, Porto: AMBAR.
- MEDEIROS, Nuno (2008), "Editores e Estado Novo: o lugar do Grémio Nacional dos Editores e Livradores", *Análise Social*, vol. XLII, n.º 4, Lisboa: ICS-UL, pp. 795-815.
- MENDONÇA, Maria (1954a), "Carta aberta ao poeta Rogério Correia promotor da I Semana do «Livro Açoriano» e do «Livro Madeirense»", *Eco do Funchal*, n.º1431 (07 mar.), Funchal: Editorial Eco do Funchal, pp. 1 e 4.
- MENDONÇA, Maria (1954b), *A Ilha da Madeira: vista por intelectuais e artistas portugueses*, Funchal: Editorial Eco do Funchal
- MEREIA, Abraão et alii (1952), *Areópago*, Funchal: Editorial Eco do Funchal.
- MONTEIRO, José Leite e OLIVEIRA, Alfredo César, org. (1871 e 1872), *Flores da Madeira, Poesias de Diversos Autores Madeirenses*, 2 séries, Funchal: Typ. da Imprensa Livre.
- MONIZ, Ana Isabel (1995), "Búzio de António Aragão: um enfeixar de diferentes vozes", *Margem 2*, coord. Nelson Veríssimo, n.º 28, Funchal: CMF, pp. 30-40.
- MONIZ, Ana Isabel e FALCÃO, Ana Margarida (2008), "Singularidades de um projeto insular", *Da Galiza a Timor: a lusofonia em foco. Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Santiago de Compostela, 18-23 jul. 2005*, eds. Carmen Villarino Pardo, Elias J. Torres Feijó e José Luís Rodrigues, Vol. II, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp.1631-1636.
- MONIZ, Ana Isabel e SANTOS, Thierry Proença dos (2011), "O Funchal na narrativa literária e na crónica", *Funchal (d)escrito: ensaios sobre representações literárias da cidade*, Vila Nova de Gaia: 7 Dias 6 Noites, pp. 11-75.
- NASCIMENTO, Cabral do, ed. (1949), *Poemas narrativos portugueses*, Lisboa: Editorial Minerva.

- NASCIMENTO, João Cabral (1951), "Autores que escreveram sobre a Madeira", *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. 9.º, n.º 1, Funchal: CMF, pp.76-81.
- NASCIMENTO, Maria Teresa (2008), "A Ilha a três", *DEDALUS. Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º 11-12, Lisboa: APLC, pp. 331-340.
- NEPOMUCENO, Rui (2008), *A Madeira vista por escritores portugueses (séculos XIX e XX)*, Funchal: Funchal 500 anos.
- PATRÍCIO, Tiago (2010-_), *Cartas de Praga*, acessível em <https://cartasdepraga.wordpress.com/>
- QUINTAL, Flávia Vanessa Mota (2021), *Jogos florais e a sua importância como fator de criação e divulgação literária*, dissertação de mestrado em Gestão Cultural, Funchal: UMA
- RODRIGUES, António Feliciano e CAMARA, Jayme (1907), *Almanach de Lembranças Madeirense para o ano de 1908*, 1.º ano, Funchal: Bureau de la Presse.
- RODRIGUES, Ernesto (2014), "Olhares sobre a Literatura Madeirense Contemporânea", *Que Saber{es} para o séc. XXI? História, Cultura e Ciência na Madeira*, coord. José Eduardo Franco e Cristina Trindade, Lisboa: Esfera do Caos, pp. 413-423.
- RODRIGUES, Paulo Miguel (2019), *Teatro Municipal de Baltazar Dias (1888-2018): 130 anos sobre o palco*, Funchal: CMF/IA.
- SALGUEIRO RODRIGUES, Ana (2012), "Nacionalismos/regionalismo literários em sistemas literários nacionais/regionais. Revisitação de uma problemática em tempos de crise e de globalização", *Newsletter CEHA*, n.º 15 (out.), Funchal: CEHA, pp.22-23.
- SALGUEIRO, Ana (2021), "Fotografia e cinema: representações da Madeira entre jornalismo, etnografia e propaganda turística nas primeiras décadas do século XX. O caso da *Madeira Film* e do seu *Homem da Câmara*", *Arquivo Histórico da Madeira*, nova série, n.º 3, Funchal: DRABM, pp. 421-512.
- SALGUEIRO, Ana (2022), "João Cabral do Nascimento: Um autor contemporâneo apagado de um certo retrato de família", *Pessoa Plural - A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 22 (outono), Providence: Brown University, pp. 254-310.
- SALGUEIRO, Ana (2023), "O Anjo da História em Cabral do Nascimento. Parte I: dualidades históricas e o tempo da fundação, da direção e da demissão do Arquivo Distrital do Funchal", *Arquivo Histórico da Madeira*, nova série, n.º 6, Funchal: DRABM, pp.13-69
- SALGUEIRO, Ana (no prelo), "Interrogações da paisagem e da poesia: topofilia ecocrítica em Teresa Jardim", este poema [catálogo da exposição apresentada em 2019 no MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira].
- SANTOS, Thierry Proença dos (2008), "Gerações, antologias e outras afinidades literárias: a construção de uma identidade cultural na Madeira", *DEDALUS. Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º 11-12, Lisboa: APLC.
- SANTOS, Thierry Proença (2019), "A lírica madeirense contemporânea: folheando os cadernos de poesia que a têm registado (1952-2016)", *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, n.º 1, Funchal: ARBPM, pp.781-805.
- SILVA, António Marques (2008), *Passaram pela Madeira: textos de autores anglo-saxónicos que visitaram a Ilha 1687-2000*, Funchal: Funchal 500 anos.
- s.n. (1969), "Feira do livro", *comércio do funchal*, II série, n.º2026, Funchal: cf, p.3

SOUSA, Jesus Maria e FINO, Carlos Nogueira (2005), “Distribuição de uma ‘Biblioteca Essencial de Literatura Madeirense’ pelas escolas da RAM: legitimidade ou arbitrariedade curricular?”, *Mudanças educativas e curriculares... e os educadores/ /professores?*, orgs. J. C. Morgado e M. P. Alves, Braga: CIE/DCTE-Universidade do Minho, pp. 329-249

STEPHANE, Isabel, BORGES, Ângela e CARITA, Rui, orgs., (1986), *Antologia literária, Madeira Sécs. XV e XVI*, Vol. I, Funchal: SRE.

TEIXEIRA, Maria Mónica (2005), *Tendência da Literatura na Ilha da Madeira nos Séculos XIX e XX*, Funchal: CEHA.

VASCONCELOS, Dinarte (2011-_), *Aforismos para o dia seguinte*, acessível em <https://aforismosdiasequinte.blogspot.com/>

VASCONCELOS, Dinarte (2011-_), *Crónicas para o dia seguinte*, acessível em <http://cronicasparadiasequinte.blogspot.com/>

VASCONCELOS, Dinarte (2011-_), *Poemas para o dia seguinte*, acessível em <https://poemasdiasequinte.blogspot.com/>

15.10.2024

funchal.pt
M U N I C Í P I O



Secretaria Regional
de Economia, Turismo e Cultura
Direção Regional dos
Arquivos, das Bibliotecas e do Livro